



GT17 - Filosofia da Educação – Trabalho 542

## COMPOSIÇÕES ENTRE SCHILLER E NIETZSCHE ACERCA DA IMPORTÂNCIA DA ARTE E EDUCAÇÃO ESTÉTICA NA FORMAÇÃO HUMANA

Gilcilene Dias da Costa – UFPA

Ivys de Alcântara Silva – UFPA/PPGED

### Resumo

O presente ensaio tem como ponto principal discutir a importância da arte na formação humana e suas correlações com a educação estética, tecendo um interlúdio composicional entre alguns aspectos de duas insígnias teorias filosóficas que cotejam a importância da arte e a formação humana do ponto de vista estético, a saber, a perspectiva estética de Friedrich Von Schiller contidas mormente em suas obras *A educação estética do homem numa série de cartas* e *Poesia ingênua e sentimental*, bem como a teoria estética de Friedrich Nietzsche diluída em obras como *O nascimento da tragédia*, *A filosofia na época trágica dos gregos* e *Humano, demasiado humano*. O debate a ser suscitado entre esses pensadores e suas perspectivas estéticas perpassará a questão “em que pontos tais teorias filosóficas se encontram, para uma possível visualização da estética como elemento amalgamado às práticas formativas?”. Diante disso, e tomando a estética como pedra angular da formação plena do ser humano, esteio que foi soterrado, cumpre-nos a tarefa de elevar o seu valor formativo na educação. Pelo prisma sensível destes pensadores, veremos o feixe de luz que nos ajudará a refletir sobre de que maneiras a estética está amalgamada à educação, aqui entendida de modo amplo como formação.

**Palavras-chave:** Nietzsche; Schiller; arte; educação estética.

### 1. PRELÚDIO: ARTE, ESTÉTICA E FORMAÇÃO HUMANA

O universo das artes foi, desde sempre, muito vasto, rico e assaz encantador. Essa sedução, criada pela arte, é potencializada pela esfera lúdica com que esse fazer estético proporciona aos nossos sentidos. Essa tendência de transformar esteticamente os objetos, seres e seu próprio corpo, sempre suscitou na espécie humana sensações e sentimentos de uma ordem, inicialmente, inexplicáveis, mas desde já sublimes.

A curiosidade humana em compreender questões inerentes a sua própria natureza, tal como a questão da arte, é uma busca sem data pretérita definida. Contudo, a despeito de não podermos datar o interesse do homem pela arte, nos é sabido, pela história da filosofia, que o primeiro debate mais profundo sobre o sentido da arte, foi travado por Sócrates com o pintor Parrásio em uma visita informal ao seu ateliê (NUNES, 2008:8), debate que reverberou na filosofia.

Iniciemos com as colocações e perguntas de Nietzsche, um filósofo-poeta que filosofou séria e francamente com seu martelo sem nunca abrir mão do encantamento poético. Nietzsche indaga em *Humano demasiado humano*<sup>1</sup> II (1879-1880) quanto às origens do gosto humano pela arte. Nos germes iniciais do sentido estético e, mais especificamente, do sentido artístico, dentre as primeiras alegrias geradas pela arte, “encontra-se primeiramente a alegria de entender o que um outro quer dizer: a arte é aqui uma espécie de proposição de enigmas, que proporciona, ao decifrador, prazer por sua própria rapidez e acuidade de sentidos” (NIETZSCHE, 2014:148-HDH, II, §119) nascendo, assim, uma necessidade artística criadora.

O que é a arte? Por que precisamos tanto dela? Essas e outras objeções relacionadas a arte, são alusões às perguntas originais que o filósofo Friedrich Nietzsche formulou desde os seus primeiros escritos: Por que os gregos, “a mais bem-sucedida, a mais bela, a mais invejada espécie de gente até agora, a que mais seduziu para o viver” (NIETZSCHE, 1992:13-14-NT), tinham a necessidade cabal da arte em suas vidas? E complementa a questão perguntando-se o motivo pelo qual “precisamente eles tiveram necessidade da tragédia? Mais ainda - da arte? Para quê - arte grega?...” (NIETZSCHE, 1992:14-NT). Por entre essas indagações, talvez Nietzsche tenha notado o indelével sentido estético que “os gregos da melhor época” prosperaram entre arte e filosofia.

É notável nestas perguntas a patente inversão dos valores no que tange ao conhecimento, já que, segundo Nietzsche, o conhecimento deve começar por esta pulsão que é poética, isto é, por esta necessidade que é criadora. Como indício desta inversão de importância da arte dada por Nietzsche, vemos a afirmação de Benedito Nunes sobre a relação entre filosofia e arte, na qual, “segundo Nietzsche, a filosofia sempre fica devendo à poesia” (NUNES, 2007:17). Com efeito, o que diria agora um poeta-filósofo a esse respeito? Nesse interlúdio, insere-se a figura de Friedrich Von Schiller, falando não apenas como um filósofo, mas como um poeta e livre pensador que toma a causa

---

<sup>1</sup> Doravante HDH

para si, apelando não só a princípios e premissas, mas, outrossim, a sentimentos e sensações como elementos de uma educação estética.

Em sua apreciação inicial a respeito da beleza e da arte, Schiller, em *Educação estética do homem* (1795), aponta francamente sua tendência Kantiana como ponto inicial de suas análises. Porém, como uma prova de sua lisura, isenta este sistema de quaisquer falhas a que possa incorrer pelo caminho, atribuindo a si possíveis desvios dos princípios kantianos. Esta empreitada, já relatada em outros textos de Schiller, não é uma tentativa de encerrar a já citada querela entre filosofia e poesia, nem, do mesmo modo, de solucionar o quebra-cabeça da estética kantiana, tal como afirma na *carta I de Educação estética do homem*:

Minhas ideias, nascidas antes do trato regular comigo mesmo que da rica experiência do mundo ou da leitura, não negarão sua origem; serão culpadas de várias falhas, mas não de sectarismo; irão antes cair por fraqueza própria ficar em pé por autoridade e força alheia. Não quero ocultar a origem kantiana da maior parte dos princípios em que repousam as afirmações que se seguirão; à minha incapacidade, entretanto, e não àqueles princípios, fique atribuída a reminiscência de qualquer escola filosófica e acaso a vós se imponha. Vossos próprios sentimentos fornece-me-ão os fatos sobre os quais construirei; vosso pensamento livre ditará as leis segundo as quais se deverá proceder. (SCHILLER, 2002:19-20)

Com isso, fica claro que a intenção de Schiller, em suas composições filosóficas, não é apresentar soluções prontas, porém, seguir esta trilha, tendo consigo, não uma régua ou esquadro para medir verdades que se enquadrem no sistema Kantiano, mas sim, munido de uma bússola que lhe aponte o norte sem lhe cerrar as vias indicadas também por seus sentimentos, mantendo o equilíbrio entre razão e sensibilidade.

Sua análise começa a dirigir-se para a tentativa de mostrar que o âmbito estético, mais do que uma simples ferramenta, caracteriza a condição *sine qua non* para a formação humana em sentido pleno, posto que o ser humano só se torna pleno mediante o impulso lúdico que a esfera estética lhe fornece (SCHILLER, 2002:80). Este impulso lúdico é justamente o jogo equilibrado entre razão e sensibilidade, jogo que não pode ocorrer com as cristalizações e sobrepujança da razão (SCHILLER, 2002:83). Destarte, um “homem pleno”, segundo Schiller, só atinge tal completude, de fato, quando tem a alma livre, o que, por conseguinte, só ocorre quando este homem estende a mão para essa disposição lúdica.

Diante desses dois filósofos (Schiller e Nietzsche) e seus respectivos ambientes históricos, sociais, políticos, dentre outros, poderíamos imaginar ser este um caminho puramente metódico ou, ainda, um retalho historiográfico de dois autores. Contudo, a despeito das aparências, cremos que a justificativa mais plausível deste breve ensaio filosófico está genuinamente no exemplo de reflexão filosófica que estes dois pensadores nos legaram, exemplos extemporâneos que nada tem de anacrônicos, pois que nos servem como bússolas, não apenas em nossas expedições sacrificantes da docência, mas, em nosso processo de constante construção como seres humanos. Logo, a relevância deste trabalho não reside apenas na exposição e comparação de duas teorias aparentemente distantes, mas sim, na tentativa de seguir essa verve que nos leva à redescoberta da arte e à importância do pleno estético e seus atravessamentos formativos em nosso fazer humano e pedagógico, de modo a reparar a nobreza, há muito perdida, de nossa sensibilidade.

Por outro lado, esse aporte poético-filosófico fornecido pelas perspectivas de Schiller e Nietzsche, poderá ressoar em nós uma espécie de rumor estético, impedindo a queda ao plano meramente operacional, harmonizando assim, uma carência de reflexões puras, carência abrasada pelas cobranças da vida cotidiana e da rotina do fazer pedagógico.

## **2. INTERLÚDIO: SCHILLER, NIETZSCHE E A CONCILIAÇÃO ESTÉTICA ENTRE SENTIR E PENSAR**

Compreender em que consiste a natureza estética do humano implica necessariamente em perscrutar acerca da concepção de belo, feio, arte, sensibilidade e o alcance destes vetores estéticos no espírito humano. Logo, para melhor visualizarmos o debate entre Schiller e Nietzsche acerca da arte e sua correlação com educação estética, recorreremos a alguns de seus principais textos a respeito do tema. Veremos, doravante, alguns excertos de textos-fontes destes autores que arrazoam a proposta deste ensaio correlacionando arte e educação.

Em sua *A educação estética do homem: numa série de cartas*, Schiller, inicia sua carta VI, fazendo amplo elogio ao modelo grego de formação humana, modelo que, mesmo reformulado na proposta platônica, tentou o filósofo grego manter alguns dos aspectos mais marcantes. Em seu elogio, o pensador alemão afirma que,

Numa observação mais atenta ao caráter do tempo, entretanto, admirar-nos-emos do contraste que existe entre a forma atual da humanidade e a passada, especialmente a grega. A glória da formação e do refinamento, que fazemos valer, com direito, contra qualquer outra mera natureza, não nos pode servir contra a natureza grega, que desposou todos os encantos das artes e toda a dignidade da sabedoria, sem tornar-se, como a nossa, vítimas de nós mesmos. Não é apenas por uma simplicidade, estranha a nosso tempo, que os gregos nos humilham; são também nossos rivais, e frequentemente nossos modelos, naqueles mesmos privilégios com que habitualmente nos consolamos. Vemo-los ricos, a um só tempo, de forma e de plenitude, filosofando e formando, delicados e enérgicos unindo a juventude da fantasia à virilidade da razão em magnífica humanidade (SCHILLER, 2002:35)

Assim, sua visão a respeito dos gregos mostra não só traços românticos, como, também, revela sutilmente a necessidade de um equilíbrio entre as potências sensíveis e da razão assinaladas no final do excerto. Isto é, ao povo grego, pelo menos à sua maioria, era inerente uma harmonia, sua natureza possuía a simplicidade do meio termo, distinguindo-se, segundo Schiller, de qualquer outra natureza e afastando-se, mormente, da atual natureza moderna vigente em sua época, que pelo frequente desequilíbrio dessas funções nos torna autodestrutivos e vítimas de nós mesmos.

Ainda louvando a florescência grega, Schiller ressalta o fato de que neste período dourado da cultura grega, a variedade dos saberes, não apontavam, ainda, caminhos fragmentados dos saberes humanos, período onde razão e sensibilidade concorriam juntas para o esclarecimento, sem a soberba de uma, em detrimento de outra, tal como nos esclarece o poeta-filósofo:

Naqueles dias do belo despertar das forças espirituais, os sentidos e o espírito não tinham ainda domínios rigorosamente separados; a discórdia não havia incitado ainda a divisão belicosa e a demarcação das fronteiras. A poesia não cortejara a espirituosidade, nem a especulação se rebaixara pelo sofisma. Podiam se necessário, trocar os seus misteres, pois as duas, cada qual a seu modo, honravam a verdade. Por mais alto que a razão se elevasse, trazia sempre consigo, amorosa, a matéria, e por fina e rente que a cortasse, nunca a mutilava. (SCHILLER, 2002:36).

A demarcação desses territórios cerceou as várias instâncias da sensibilidade e da razão na vida humana, fragmentando essas instâncias e quebrando a unidade de atuação do humano em variadas áreas. No período moderno, a exigência de uma excessiva especialização, concepção permeada grandemente pela ciência, acabou com a unidade entre arte e erudição. Instâncias que conviviam harmoniosamente na formação

do homem grego se dilaceraram, introduzindo gradativamente a noção moderna de *homem*, na qual este homem já se encontra bipartido entre razão e sensação-sentimento.

Segue-se daqui, portanto, uma das primeiras críticas ao fazer artístico no período moderno, uma visão crítica vanguardista acerca da modernidade e suas mazelas do ponto de vista estético, tal como afirma Ricardo Barbosa em seu artigo *A educação do homem e a educação estética do homem*: “Como notou Habermas, o Schiller das *Cartas sobre a educação estética do homem* foi o primeiro a fazer da crítica da Modernidade uma crítica estética. Schiller escreveu esta obra sob o impacto do terror revolucionário, execrado por ele desde o primeiro momento” (HUSSAK ET AL, 2011:28). Logo, se a partir deste momento Schiller identifica uma cisão na natureza do homem, o que é necessário para a junção dessas instâncias, há muito separadas? Como resposta a esse problema acirrado na modernidade, o filósofo-poeta menciona o retorno à valorização da educação estética como possibilidade de reconciliação entre sentir e pensar na formação humana.

Não obstante, aqui se instala uma das grandes problemáticas da proposta schilleriana, posto que, tal retorno é uma tarefa assaz intrincada, pelo fato de que a supremacia de educação racional se encontra arraigada aos mais sensíveis filamentos da nervura social, uma tarefa que levaria algumas centenas de anos. Assim, a pergunta incontornável que devemos fazer é a de como podemos experimentar a sensibilidade por meio da estética? Ou ainda, como promover o reencontro entre razão e sensibilidade no plano de uma educação estética?

Sabemos já que, para a reconquista da sensibilidade estética, o excesso da lógica e da razão torna-se um empecilho ao desenvolvimento da fantasia e das forças criativas do homem, pois, concorde Schiller,

o predomínio da faculdade analítica rouba necessariamente a força e o fogo à fantasia, assim como a esfera mais limitada de objetos diminui-lhe a riqueza. Por isso o pensador abstrato tem, frequentemente, um coração frio, pois desmembra as impressões que só como um todo comovem a alma. (SCHILLER, 2002:39)

Convém, portanto, diante da consideração de Schiller, reconciliarmo-nos à unidade dos antigos gregos, há muito desvanecida, lutando contra a compartimentação e fragmentação das potências humanas, potências que, como se pode perceber, funcionam mais harmonicamente em conexão. Exemplo disso são os primeiros pensadores gregos que compilavam seus discursos filosóficos e científicos em forma de poesia, tal como

Parmênides, revelando esta unidade das potencialidades humanas. Os “gregos da melhor época”, tal como Nietzsche os denominou (NIETZSCHE, 1992:14-NT), de alguma forma, compreenderam intuitivamente os mecanismos da inter-relação plena dos vários saberes, contudo, segundo Schiller, “os gregos haviam alcançado tal grau, e caso quisessem prosseguir no sentido de uma formação mais alta deveriam, como nós, abrir mão da totalidade de seu ser e buscar a verdade por rotas separadas” (SCHILLER, 2002:40).

Por conseguinte, esse exercício unilateral das forças poéticas leva o ser humano a concentrar suas energias compreensivas e criativas em um único elemento. O que leva à seguinte questão elaborada por Schiller: “dissolvido em entendimento puro e pura intuição será o espírito capaz de trocar as severas algemas da lógica pelo livre andamento da força poética, de aprender a individualidade das coisas com um sentido fiel e casto?” (SCHILLER, 2002:40). Logo, esta reunificação é a primeira tarefa da educação estética, posto que, evocando uma assertiva do próprio pensador, “somente o jogo livre e regular dos membros desenvolve a beleza” (SCHILLER, 2002:40-41), o que nos leva a aduzir que, como “jogo livre e regular”, esta tarefa não poderá ser imposta a cada um de nós, e sim encarada como um trabalho formativo de anos a fio, com o intuito de tornar o exercício da sensibilidade um hábito constante em nosso pensar-existir.

Este esforço de Schiller de trazer à tona a educação estética, voltando-se aos elementos do cultivo da sensibilidade humana, é, em verdade, um esforço de remover-se da possibilidade de decair ou entregar-se às duas piores consequências geradas pelo desequilíbrio entre a instância racional e a instância estética, a saber: o retorno ao estado selvagem ou à recorrência a barbárie. Fato evidenciado no brilhante excerto da *carta IV*:

O homem, entretanto, pode ser oposto a si mesmo de duas maneiras: como selvagem, quando seus sentimentos imperam sobre seus princípios, ou como bárbaro, quando seus princípios destroem seus sentimentos. O selvagem despreza a arte e reconhece a natureza como sua soberana irrestrita; o bárbaro escarnece e desonra a natureza, mas continua sendo escravo de seu escravo, por um modo frequentemente mais desprezível, que o do selvagem. O homem cultivado faz da natureza uma amiga e honra sua liberdade, na medida em que apenas põe rédeas a seu arbítrio” (SCHILLER, 2002:29).

Assim, podemos imaginar que o homem civilizado, não-selvagem, portanto, por sua condição de instrução, não poderá incorrer em erros, contudo, mesmo dotado de cultura, ou de um mero verniz cultural, pode recair na barbárie, o que é mais revoltante,

por ser a barbárie um flagelo da própria cultura, ou fruto da distorção dela. Citando uma passagem platônica, Schiller ressalta o risco oferecido à educação estética por um filisteu da cultura: “Não recordo mais que filósofo, antigo ou moderno, fez a observação de que o mais nobre é que é o mais abominável em sua destruição; observação que revela sua verdade também na moral” (SCHILLER, 2002:32). Este filósofo, como dissemos, é Platão que afirma esta passagem sob a personagem de Sócrates:

Sabemos muito bem, (...) que todas as sementes ou germens, tanto de planta como de animal, que não encontram alimentação apropriada ou a estação e lugar adequados, quanto mais vigorosos, mais se ressentirão da falta dessas condições, pois o mal é mais adverso ao que é bom do que ao que não é. (...) No meu modo de pensar, (...), é certo dizer-se que as naturezas mais nobres ficam pior com uma alimentação inadequada do que as medíocres. (...) Por isso, (...), podemos afirmar que com uma educação viciosa as almas mais bem-dotadas, se tornam particularmente ruins. Acreditas que os grandes crimes e a maldade consumada provenham de uma alma medíocre e não de uma natureza exuberante, porém, corrompida pela educação, ou que uma natureza fraca seja capaz de produzir em qualquer tempo algo grandioso, para o bem ou para o mal? (PLATÃO, *República*, 491d)

Diante disso, afirma-se na importância e no reconhecimento da florescência grega e de seu modelo de formação humana plena o nexo necessário com as considerações filosóficas de Friedrich Nietzsche, que tem, outrossim, a cultura grega como parâmetro. A despeito de suas autocríticas e posteriores reformas em seu pensamento mais maduro, Nietzsche em seus escritos de juventude admirava bastante a cultura e formação grega, sobretudo a do período denominado de *trágico*, período que antecede a virada antropológica da filosofia iniciada por Sócrates. Este recuo à Grécia antiga, a despeito de parecer um mero deslocamento histórico, será, em verdade, uma oportunidade de identificar no rastro genealógico características necessárias à reconstrução ou reconquista do espírito estético, subjacente ao ser humano, há muito recalçado pela razão cristalizante.

Assim, também enaltecendo e externando seu apreço pela cultura e sabedoria da Hélade, Nietzsche escreve *O nascimento da Tragédia* (1872) e *A filosofia na época trágica dos gregos* (1873), fazendo inúmeras referências em outros de seus textos à genialidade dos pensadores gregos. De acordo com o jovem Nietzsche, a representação do homem pleno, isto é, do ser humano supremo, é possível de ser já vislumbrada nos ideais ansiados pelos gregos em sua *paidéia*, pois que,

A representação do homem supremo, isto é, do mais simples e ao mesmo tempo mais pleno, nenhum artista alcançou até agora; mas talvez os gregos, no ideal de Atena, tenham lançado o olhar mais longe do que todos os homens até agora (NIETZSCHE, 2014:151-HDH II, §177)

Para o filósofo, os gregos conseguiram um feito peculiar em relação à dimensão estética da existência humana, conseguiram experimentar mais plenamente a arte, pois mantinham o equilíbrio entre homem e natureza, ou razão e instinto, potências criadoras basilares da existência humana. Em termos nietzschianos, os gregos do período trágico, por conseguirem manter a harmonia entre os elementos apolíneos e dionisíacos, harmonia afirmada desde os primeiros dez parágrafos de *O nascimento da Tragédia*<sup>2</sup>, gozaram com plenitude do sentido autêntico do estético e da experiência estética. A partir do 13º parágrafo, Nietzsche descreve o movimento de assunção da razão e do apolíneo como elemento superior, operado inicialmente por Sócrates, movimento que carrega, como uma das infaustas consequências, o empobrecimento da dimensão e vivência estética em sua plenitude e “aqui o pensamento filosófico cresce com mais viço do que a arte e obriga-a a se agarrar ao caule da dialética. No esquematismo lógico a tendência apolínea se transformou em crisálida” (NIETZSCHE, 2014:29-NT, §14).

Mas, podemos nos perguntar, se a razão dominasse ao ponto de suprimirmos completamente a arte de nossas vidas, o que perderíamos? Perderíamos, talvez, quase tudo do que somos, perderíamos a esperança na vida, pois que, segundo Nietzsche, quem nos acalenta nesta vida é a arte, ela é como que um lenitivo para nossas mazelas:

Aqui neste supremo perigo da vontade, aproxima-se como uma feiticeira salvadora, com seus bálsamos, a arte; só ela é capaz de converter aqueles pensamentos de nojo sobre o pavor e o absurdo da existência em representações com as quais se pode viver (NIETZSCHE, 2014:24-NT §7)

Ocorre que, quanto mais nos entregamos ao domínio do impulso ordenador apolíneo, desconectado do impulso embriagador dionisíaco, mais suplantamos a dimensão estética residente e ainda sobrevivente em nós. Logo, à medida que valorizamos sobremaneira a parte racional de nossa existência, mais suplantamos as potências da embriaguez dionisíaca na existência humana.

---

<sup>2</sup> Doravante indicado como NT

Nietzsche, discordando de Platão e Aristóteles, afirma que a arte não deve ser entendida meramente como a tendência natural imitativa, presente em homens e também em animais. Tal tendência é natural sim, contudo, não se limita a ser meramente imitativa, pois que “a arte não é somente imitação da efetividade natural, mas precisamente um suplemento metafísico da efetividade natural colocado ao lado desta para sua superação” (NIETZSCHE, 2014:37- NT, §18). Assim, afirmando ser um lance audacioso, o filósofo assevera neste mesmo aforismo que “somente como um fenômeno estético a existência e o mundo aparecem legitimados” (NIETZSCHE, 2014:37- NT, §18) e que por esse motivo não devemos compreender a estética apenas como a representação do belo, já que o feio e o desarmonioso também aparecem representados como prazeroso e deleitável na experiência estética.

Nos comentários de Nietzsche encontrados nas compilações de *A vontade de Potência*<sup>3</sup> (1988) (§ 853, I), vemos que a arte é a mãe de todos os outros consolos inventados pelo homem para suportar o peso da existência, posto que “metafísica, religião, moral, ciência são brotos da vontade de arte humana” (NIETZSCHE, 2014:44- VP, II), sendo a arte “a grande possibilitadora e estimulante da vida” (NIETZSCHE, 2014:45- VP, II).

O que Nietzsche nos instiga a buscar em nós é essa capacidade estética que há muito se encontra suplantada, e que por nossa própria displicência colocamos a sensibilidade estética e artística em segundo plano, em detrimento da razão. Para sermos melhores pessoas, professores, pais, amigos e quaisquer outras facetas que nos sejam necessárias nessa existência, é mister repararmos este sentido estético unificado e basilar capaz de tornar nossas relações sociais mais agradáveis ou suportáveis.

No segundo volume de *Humano demasiado humano*<sup>4</sup> (1879-1880), Capítulo 1, intitulado *Miscelânea de opiniões e sentenças*, o filósofo lança o tópico *Necessidade artística de segunda ordem*, expressando a ideia de como nós nos contentamos com o refugio da experiência estética, como nós a banalizamos, tomando-a, geralmente, por mera distração, causando em nós um retrocesso existencial, que nos conduz mais facilmente ao mal-estar, o mesmo mal-estar na civilização descrito 50 anos mais tarde por Freud.

---

<sup>3</sup> Doravante indicado como VP.

<sup>4</sup> HDH II.

Já no parágrafo 174, intitulado *Contra a arte das obras de arte*, temos um excerto potente que sintetiza características e a importância da dimensão estética para a existência humana:

A arte deve antes de tudo e em primeiro lugar embelezar a vida, portanto, fazer com que nós próprios nos tornemos suportáveis e, se possível, agradáveis uns aos outros: com essa tarefa em vista, ela nos modera e nos refreia, cria formas de trato, vincula aos não educados as leis de convivência, de limpeza, de cortesia, de falar, de calar a tempo certo. Em seguida, a arte deve esconder ou reinterpretar tudo o que é feio, aquele lado penoso, apavorante e repugnante que, a todo esforço irrompe sempre de novo, de acordo com a condição da natureza humana: deve proceder desse modo especialmente em vista das paixões e das dores e angústias da alma e, no inevitável ou insuperavelmente feio, fazer transparecer significativo (NIETZSCHE, 2014:150-HDM, §174)

Tais potencialidades geradas no leito da estética estão adormecidas e, por que não dizer, anestesiadas em nós, instâncias que são indispensáveis não apenas por transmutar ou reinterpretar o significado do feio, do repugnante, tornando-o suportável, mas, principalmente, pela possibilidade de permitir que nos tornemos mais agradáveis uns com os outros, fato que, como já dissemos, pode nos fazer não apenas melhores professores, mas melhores seres humanos. Nesse processo de cristalização racional da existência humana, deixamos de perceber e conceder o devido valor ao que poderia ser “significativo” das experiências humanas, deixamos de apreciar e perceber o que é significativo em nossas relações, ignorando assim o fato de que, por vezes, os detalhes esquecidos e as sutilezas que não temos a sensibilidade de valorizar são elementos assaz importantes para um convívio salutar.

Esses detalhes capazes de aflorar um plano estético formativo são as pistas que só a sensibilidade (estética) pode nos permitir percebê-los. Por conseguinte, para que possamos nos ater melhor aos detalhes estéticos que o mundo e os outros fornecem, dando vazão à capacidade estética que ainda resiste em nós, de sentir o outro, temos que, segundo Nietzsche, harmonizar o conflito instaurado, há tempos, entre o homem e a natureza ou, em termos nietzschianos, entre o apolíneo e o dionisíaco, tendo como via principal a arte. A esse respeito Nietzsche cita Schiller e Rousseau, num denso e brilhante recorte do parágrafo 3 de *O nascimento da tragédia*, que menciona a dificuldade de encontrar este estado de harmonia na sociedade:

E aqui é preciso que se diga que essa harmonia e mesmo unidade do homem com a natureza, vista com tanta nostalgia pelo homem

moderno, e que levou Schiller a pôr em circulação o neologismo *naïf* (ingênuo), não é, em caso nenhum, um estado tão simples, que resulta por si mesmo, como que inevitável, que *tivéssemos* de encontrar no umbral de toda cultura como um paraíso da humanidade: nisto só podia acreditar um tempo que tentava pensar o Emílio de Rousseau também como artista e acreditava ter encontrado em Homero esse Emílio artista educado no coração da natureza. (NIETZSCHE, 2014:22-23- NT, §3)

Esta “ingenuidade” em simbiose com o “sentimental” produz um estado de unidade do espírito humano, estado este afirmado por Schiller em sua *Poesia Ingênua e sentimental* (1800) de modo enfático (SCHILLER, 1991:52,60-61,81,84,88,95), coincidindo com o estado de harmonia entre “o apolíneo e o dionisíaco”, estado de equilíbrio-embriaguez possível, mas nada simples de se atingir, segundo Nietzsche. Destarte, para este filósofo do intempestivo, cravar e arrancar são simultaneamente os dois lados de um martelo. Então seguramente o duplo movimento de transmutação estética requer simultaneamente leveza e dor (do corpo e do espírito), uma potência conjugada entre criar e destruir, uma transmutação alegre do peso e da dor por uma potência de elevação da vida à criação-alegre e à destruição-alegre dos valores estéticos e morais que nos regem, um duplo movimento de transmutação do humano sob pena de vivermos à sombra de valores estabelecidos. Pensar-sentir é um arrebatamento que nos tira do natural estupor de nossas convenções sociais, morais, e nos lança ao encontro com a exterioridade do mundo, de nós mesmos, tensionando o universo das coisas já-ditas, já-sabidas, já-instituídas, (re)criando outras vias de acesso à arte de existir.

Com efeito, esse debate acerca da conciliação entre o homem e a natureza e da decorrente ausência do sentido dionisíaco na existência humana aparece em Schiller como pano de fundo do debate entre o clássico e o romântico, debate em voga neste período e muito presente nas artes em geral, sobretudo na poesia. No seguinte recorte entrevemos uma pista de Schiller acerca do desaparecimento do sentido dionisíaco no atual panorama existencial humano:

Como é, sendo em tudo o que é a natureza, infinitamente suplantados pelos antigos, podemos, justamente aqui homenagear a natureza em um grau mais elevado, apegar-nos a ela com afeição e mesmo abraçar o mundo inanimado com a mais calorosa sensação? Isso decorre de que, entre nós, a natureza desapareceu da humanidade, e de que só a encontramos em sua verdade fora desta, no mundo inanimado. (SCHILLER, 1991:55)

Destarte, se quisermos reconquistar este sentido estético unificado há muito suplantado, podemos buscá-lo indo além do já estabelecido em nosso horizonte existencial, retomando o equilíbrio e harmonização entre as potências em nós latentes e conflitantes, tendo por via de acesso para tal, a sensibilidade estética. Nossa via de acesso à harmonização deve ser a arte, pois que, além de libertar o homem e emancipá-lo de uma existência cristalizada e engessada, a arte tem muito a nos ensinar, tal como preconiza o título do aforismo 299 de *A gaia ciência* cognominado *O que devemos aprender com os artistas*. Aprendemos que a arte é uma “serenojovialidade” do espírito, uma perigosa e inocente alegria na criação, uma energia que nos toma por inteiro, um espírito inquiridor que nos põe à espreita do novo, uma potência que reúne “sangue, coração, fogo, prazer, paixão, tormento, consciência, destino e fatalidade que há em nós” (NIETZSCHE, 2001:13- GC).

### **3- PÓS-LUDIO: RITORNELLOS ESTÉTICOS PARA UMA FORMAÇÃO HUMANA**

A principal aposta deste ensaio, que se propôs a construir um interlúdio entre dois pensadores e poetas distintos e interlocutores do pensamento filosófico ocidental, está na tentativa de darmos relevo à dimensão estética há muito relegada a segundo plano em nossa formação.

Afastando-nos de uma consideração de estética como mero acessório, ferramenta auxiliar e propedêutica, em verdade, seguindo as veredas do encontro do pensamento estético-filosófico schilleriano e nietzschiano, vemos na dimensão estética não um simples auxílio à formação humana, mas uma das condições sem a qual não se pode pensar uma formação humana plena que conjugue pensar e sentir e vice-versa, uma dimensão que possibilita mais do que embelezar o mundo, sentir o mundo e seus constituintes com plenitude. Isto implica coexistir com as diferentes nuances estéticas que nos constituem, o belo e o harmonioso, o feio e o desarmonioso, sentindo as semelhanças e as diferenças nas coisas e pessoas que nos cercam.

E aqui insere-se, talvez, umas das principais tarefas para nós, educadores. Nas variadas áreas e formações docentes, os formandos são convidados a pensar o mundo sob os mais variados prismas das ciências e áreas de conhecimento, pensar o mundo pela matemática e nossas relações com os números e cálculos, pela física e a observação de fenômenos, a observação estática de uma língua cheia de normas, a fisiologia da vida e das coisas pela biologia, os percursos e fatos do passado como uma

ciência, dentre vários conhecimentos cristalizados apresentados. O objetivo aqui não é ignorar a importância do conhecimento, mas sim, ressaltar o fato de que não somos convidados neste percurso formativo a sentir o mundo, ou a sentir aqueles a quem estamos compartilhando tais conhecimentos, nossos alunos. Vemos que, quase sempre, deixamos de concatenar o conhecimento com o mundo vivido, e que nossa formação é eminentemente burocrática neste aspecto, pois que, ao lançarmo-nos na docência, por vezes somos tragados pela pesada e enorme quantidade de demandas da sala de aula, fato que nos leva a considerar os alunos como pequenas gavetas de depósitos de verdades e modos já convencionados de explicar o mundo.

Quando Schiller afirma que os gregos tinham em suas atitudes um senso de unidade estética e que, de alguma forma, compreenderam intuitivamente os mecanismos da inter-relação plena dos vários saberes, atesta também que perdemos esta característica, mas, mais que isso, preconiza também que devemos retomá-la. E a recomendação feita por Schiller parece ser endereçada a nós, educadores, pois que, em nossa formação é inevitável o ideal de separação e fragmentação imposto pelos ideais científicos. Sobretudo no ensino básico, onde as disciplinas, muito bem definidas, com muita relutância cortejam umas as outras, quando não temos uma atividade interdisciplinar ou outra atividade transdisciplinar, onde cada professor apresenta sua parte, numa divisão bem similar àquela utilizada pelos alunos em suas apresentações de trabalhos em grupo, onde cada um estuda e apresenta “sua parte”.

É bem claro que nossa proposta de pensar uma educação estética pautada nas considerações de Schiller e Nietzsche não é a da formação “enciclopédica” configurada nos “filisteus” do conhecimento, mas a de uma perspectiva estética educativa firmada no reencontro entre arte-ciência, sentir-pensar, conjugando as potências criadoras do ordenamento dos saberes à embriaguez artística, o apolíneo e o dionisíaco, sem hierarquias e sem divisões necessárias, uma perspectiva de conciliação entre arte-conhecimento, onde o educador-aprendiz que procura saber um pouco mais não seja considerado um intruso, imiscuído ou presunçoso, mas sim, um amante do saber, um “amante da filosofia”, como os antigos gregos o foram.

Retomando o mote fundamental desta pequena provocação, podemos dizer que a dimensão estética aqui entendida não é vista como produto cosmético de mentes eruditas, mas um componente de mentes libertas, porquanto, o significado de “estética” vai muito além de conhecer as belas-artes, ter gosto refinado, mas, de modo amplo,

escutar a voz do coração; aquele bom senso que não faz parte necessariamente do moral nem do legal, mas que nos faz perceber o que é conveniente e o que é inconveniente em nossas relações com os outros e como mundo, aquilo que Nietzsche menciona como “nos tornemos suportáveis e, se possível, agradáveis uns aos outros” (NIETZSCHE, 2014:150-HDH, §174). Aquele elemento que equilibra a balança entre sentimento e razão, natureza e cultura. Quanto a isso, Schiller, num apanhado peculiar, ao falar do poeta, acaba por descrever de modo universal aspectos da condição humana e o ideal de harmonização com a natureza, suscitado com ênfase já desde as considerações de Rousseau, onde afirma o filósofo-dramaturgo alemão que,

Enquanto ainda é natureza pura, quer dizer, não é natureza rude, o homem atua como indivisa unidade sensível e como todo harmonizante. Sentidos e razão, faculdade receptiva e espontânea ainda não se cindiram e muito menos estão em desacordo. Suas sensações não são o jogo informe do acaso, nem seus pensamentos o jogo sem conteúdo da faculdade de representação (...). Se o homem entrou no estado de cultura e a arte nele pousou a mão, suprime-se a harmonia sensível, e ele ainda pode manifestar apenas como unidade moral, ou seja, empenhando-se pela unidade. A harmonia entre seu sentir e pensar, que no primeiro estado ocorria realmente, agora existe apenas idealmente (SCHILLER, 1991: 60-61).

Essa completude perdida é o que nos ministra com mais plenitude a capacidade de ver o outro, não como mera aparência, como uma mera gaveta, mas como um coração que bate, que sente, percebendo que o outro também tem sentidos e razões. Isto também faz parte do exercício de sentir o educando. Contudo, o difícil deste exercício é saber como retomar essa sensibilidade há muito suplantada pelo ideal de razão ordenadora e pelas demandas da docência. Nossa aposta, com Schiller e Nietzsche, é de que seja possível retomar esta relação de simbiose entre razão e sensibilidade pela via da arte, seja qual for esta arte.

Porquanto, neste ensaio, a busca pelo senso estético da formação humana, por meio da arte, não perpassa o seu entendimento como um mero conhecimento enciclopédico das obras de arte produzidas pelo gênio humano ou armazenadas nos museus, posto que não se trata de uma arte inerte e estéril a que perscrutamos no pensamento desses filósofos-poetas. Tampouco corresponde à utilização forçosa de obras de arte em nossas aulas. E com isso, não estamos negando que tais práticas “artísticas” não sejam viáveis, de certo modo, na prática educativa, mas sim, sugerindo que só isso não seja suficiente, já que a via da arte precisa ser um caminho vivo,

instigador do sentir, pensar, criar, não se trata de uma mera obrigação curricular a ser cumprida. Destarte, a sugestão que aqui deixamos é a de acionar uma atitude estética pedagógica de nos aproximarmos com maior sensibilidade de variadas formas de arte e que, do amor ao belo e harmonioso, ao feio e grotesco, possamos sobretudo *amar a arte* sob todas as suas formas e potências criadoras, de modo a incorporá-la em nossos modos de pensar-sentir, em que a docência seja uma dessas atitudes a receber a jovialidade de sua graça.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, R. A educação do homem e a educação estética do Homem. In: HUSSAK, P.; VIEIRA, V. (orgs). *Educação Estética: de Schiller a Marcuse*. Rio de Janeiro: NAU: EdUR. 2011.

HUSSAK, P.; VIEIRA, V. (orgs). *Educação Estética: de Schiller a Marcuse*. Rio de Janeiro: NAU: EdUR. 2011.

JAEGER, W. *Paidéia: a formação do homem grego*. Trad. Artur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MACHADO, Roberto. *Nietzsche e a verdade*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2002.

NUNES, Benedito. *Introdução à filosofia da arte*. 5ª ed. Belém, PA: Ática, 2008.

\_\_\_\_\_. *Hermenêutica e poesia: o pensamento poético*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2007.

NIETZSCHE, F. *Obras incompletas*. Seleção e ensaio de Gérard Lebrun. São Paulo: Editora 34, 2014.

\_\_\_\_\_. *O Nascimento da tragédia, ou helenismo e pessimismo*. Trad., notas e posfácio J. Guinsburg. São Paulo: Cia das Letras, 1992.

\_\_\_\_\_. *A Gaia Ciência*. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SCHILLER, F. *A educação estética do homem: numa série de cartas*. São Paulo: Iluminuras, 2002.

\_\_\_\_\_. *Poesia ingênua e sentimental*. São Paulo: Iluminuras, 1991.

SUZUKI, M. O belo como imperativo. In: SCHILLER, F. *A educação estética do homem: numa série de cartas*. São Paulo: Iluminuras, 2002.